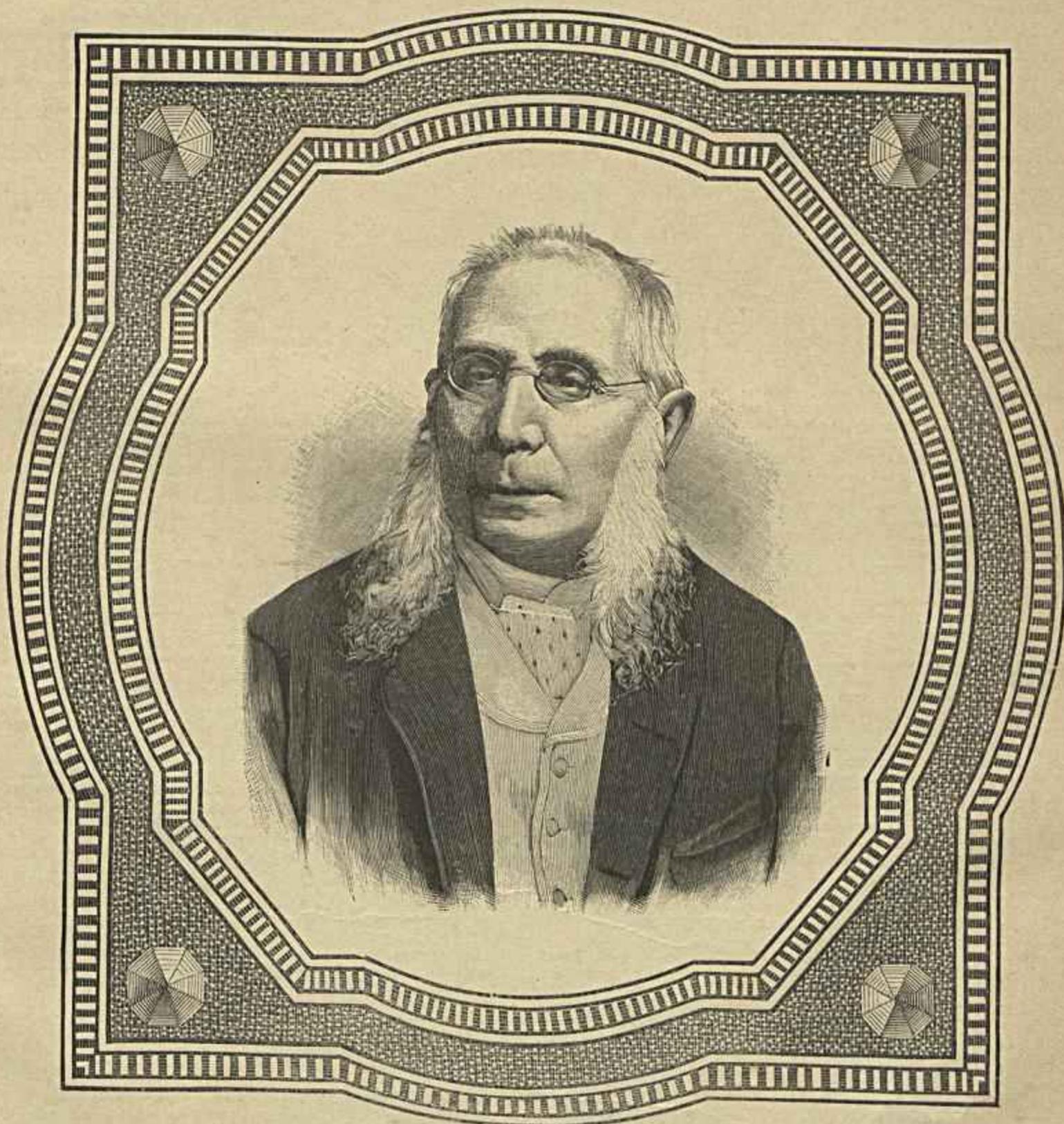


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	16.º Anno — XVI Volume — N.º 538	Redacção — Atelier de Gravura Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	I DE DEZEMBRO DE 1893	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



DR. THOMAZ DE CARVALHO — VICE-PRESIDENTE DA ACADEMIA REAL DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA
(Cópia de uma photographia)



CHRONICA OCCIDENTAL

O grande acontecimento de Lisboa na semana decorrida foi a exposição da talha, de Raphael Bordallo, na livraria Gomes.

E é tão notável esse novo trabalho de Raphael, que a sua apresentação transforma esse acontecimento da semana n'um dos maiores acontecimentos artísticos do nosso século, porque essa talha primorosa em que o genio prodigioso do artista se ostenta em toda a sua plenitude é uma das mais formosas e incontestáveis obras primas, que a arte tem produzido na nossa terra.

O talento excepcional de Raphael Bordallo, esse talento assombroso que é a mais refulgente gloria artistica de Portugal, e que em França e em Hespanha tem sido o grande successo das ultimas exposições internacionais, tem n'este seu novo trabalho a sua definitiva consagração.

A talha de Raphael Bordallo é d'essas obras raras e geniaes que honram uma nação e immortalizam um artista.

A primeira impressão que se sente de fronte d'essa maravilhosa obra d'arte é a impressão de assombro artistico que se experimenta de fronte das obras em que o genio poz a sua chancellia.

Depois vem uma grande sensação de alegria orgulhosa, ao lembrarmos nos que essa obra prodigiosa, que em todo o mundo hade ser uma obra prima, é feita por um portuguez, por um nosso patricio, por um nosso amigo, por um nosso companheiro de todos os dias, e n'esse santo sentimento de vaidade nacional, que ás vezes parece adormecido, sentimos nos vaidosos, como se sobre nós recahi se uma parcela da radiante gloria que já hoje faz d'essa obra uma obra prima, que amanhã fará d'ella uma obra immortal.

E é por isso que nós hoje, ao felicitar-mos aqui o grande artista pela sua grande obra, temos vontade de em vez de lhe dizer «Muitos parabens!» dizermos-lhe «Muito obrigado!»

A mais bem feita descripção da talha de Raphael Bordallo não conseguiria dar senão uma idéa muito pallida d'essa maravilhosa obra d'arte, em que não se sabe o que ha mais a admirar e a louvar, se a sua execução primorosa, se a sua elevada concepção artistica, se a sua alta intenção historica e nacional.

Para a apreciar é necessario vel a e vel-a demoradamente, em todos os seus detalhes, em todos os primores rendilhados que a ornamentam e nos quaes, com a arte paciente d'um chinex, com a elegancia d'um grande artista e com a alma d'um patriota ardente, Raphael recordou as paginas mais gloriosas da nossa historia.

A talha de Bordallo é o clou d'essa exposição mas não é a unica maravilha d'arte que n'ella ha.

No recinto, que é pequeno mas ornamentado com a arte elegantissima que é segredo do delicadissimo e complexo talento de Raphael Bordallo, accumulam-se primorosos trabalhos de talha, que são encantadoras obras primas, e ao fundo, perfeitamente mettidas em scena veem-se as figuras d'uma das capellas do Bussaco, notabilissimas pela sua esculptura correcta, pela sua expressão perfeitamente estudada e magistralmente reproduzida.

Entre essas obras primas é difficil citar primarias; entretanto salta nos aos olhos uma estatueta do infante D. Henrique que foi uma das obras primas da exposição internacional de Madrid e que, pela sua concepção historica, denuncia o talento genial do artista, e uma talha grande negra, que está collocada à direita, logo que se entra e que é um encanto pela rica coupe elegantissima e pelo brilho enorme do seu vidro, brilho que todos diziam ser impossivel dar ao barro das Caldas, e que Bordallo descobriu á força de talento e de estudo.

Do Porto veio-nos ha dias uma noticia tristissima que causou ali profunda impressão e que em Lisboa consternou toda a gente: a noticia da morte do actor Dias.

Foi no domingo de manhã, durante uma matinee que havia no theatro do Principe Real

Estava se representando o primeiro acto do

Solar dos Barrigas, operetta em que Dias fazia o papel de Agapito, que em Lisboa foi creado pelo actor Cardoso.

Depois do côro das velhas, Dias teve uma syncope e foi levado em braços para fóra da scena, apparecendo d'ali a pouco a substitui-lo, o actor Pires.

Momentos depois porem os artistas e os coristas que entravam em scena vinham com os olhos rasos de lagrimas mal podendo fallar ou cantar.

O publico já muito sobresaltado com o incommodo repentino de Dias, que era um dos artistas mais queridos das platéas do Porto, ao vêr a afflicção, a tristeza que se desenhava claramente no rosto de todos os artistas, presentiu que alguma cousa de grave se estava passando lá dentro.

Quasi ao mesmo tempo o panno cahiu e o contra regra apparecia, debulhado em lagrimas, a anunciar ao publico que, tendo fallecido repentinamente o actor Dias, estava terminado o espectáculo, podendo os espectadores dirigir-se ao camaroteiro a receber a importancia dos seus bilhetes.

A impressão causada por esta noticia no publico foi enorme.

Fez-se na sala um profundo silencio, e toda a gente sahio, sem dar uma palavra, sinceramente



O ACTOR ANTONIO GUILHERMINO DIAS

consternada e no camaroteiro não appareceu uma unica só pessoa a reclamar o dinheiro do seu bilhete.

A lugubre noticia espalhou-se rapidamente por toda a cidade produzindo em toda a gente dolorosa consternação, podendo se dizer sem exagero que o dia de domingo foi um dia de lucto para o Porto.

Dias era muito querido no Porto, querido no theatro e querido fóra d'elle, pelo seu talento de actor, pelo seu caracter leal e honrado, pelo seu genio jovialissimo.

Dias era como que o Taborda do norte, e era com o Taborda — o seu actor predilecto, aquelle que elle mais respeitava e a quem mais queria — que elle mais se parecia a representar, já por que era aquelle que elle mais estudava, mais desejava imitar, já por que o característico do seu jogo scenico era a naturalidade.

Natural da Figueira da Foz d'uma familia muito estimada e muito respeitada, Dias dedicou-se ao theatro por irresistivel vocação.

Foi um curioso distincto e d'ahi passou a actor distinctissimo, coisa que não é vulgar na historia dos curiosos distinctos.

Dias fez quasi toda a sua carreira no Porto e só appareceu em Lisboa, depois de ter ali grande reputação.

Lisboa consagrou essa reputação gloriosa, que elle trazia, fez-lhe um acolhimento entusiastico e collocou o tambem logo entre os seus mais queridos actores.

Depois de vir aqui ha quinze annos e ter representado com excepcional agrado um papel de sacristão, n'uma revista de Sousa Bastos, e de ter tido grande exito no protagonista d'uma comedia em 3 actos *Um heroe á força*, (peça que ha tres annos tornou a representar-se na Rua dos Condes e na Avenida, transformada em opereta com musica de Cyriaco de Cardoso e o titulo de *Capitão met'alha*), voltou para o Porto onde se demorou consecutivamente muitas épocas, até que ha quatro annos, voltou a Lisboa escripturado para o

theatro da Rua dos Condes onde teve grande successo no *Reino das Mulheres*.

Depois Dias demorou se por cá duas épocas, na Rua dos Condes e na Avenida, agradando sempre muito, bem merecendo sempre as sympathias do publico e da critica de Lisboa, que o consideravam muito

Quando se deu pela primeira vez na Avenida o *Barro do sr. Alcaide* a sociedade artistica que ficou explorando no inverno o theatro, escripturou o Dias para substituir o Valle no papel do boticario Maduro, papel em que Valle era magistral.

A empresa era difficil; Dias abalançou-se a elle modestamente, como o demonstra uma carta amabilissima que elle escreveu ao Valle antes de tomar o seu papel, e sahio se muito bem da difficuldade fazendo-se applaudir com muita justiça n'esse papel, que Valle creára tão notavelmente

Dois dos melhores papeis que Dias creou em Lisboa e em que fez duas creações notabilissimas representou-os elle uma unica vez, mercê das circumstancias especiaes em que essas peças foram feitas, peças só para uma noite: o *Burro em Pancas*, uma opereta n'um acto que sete amigos meus dos mais intimos e dos mais illustres dos meus collegas, João da Camara, Lopes de Mendonça, Fernando Caldeira, Eduardo Schwaibach, Jayme Batalha Reis, Moura Cabral e Cyriaco de Cardoso, tiveram a gentilissima amabilidade de fazer, para uma recita que a empresa do Theatro da Avenida me dedicou amavelmente, quando eu melho rei da doença que me ia matando, peça em que o Dias apresentou um magifico regedor gago; e o *Festim de Balthazar* uma comedia n'um acto que eu escrevi para a festa que S. M. a Rainha a Sr.^a D. Amelia promoveu em S. Carlos, em beneficio da sopa economica aos operarios, comedia que teve a honra de ser representada pelos mais illustres actores comicos de Lisboa e em que Dias teve um brilhante exito ao lado do Taborda, Valle, Silva Pereira, Cardoso, Augusto, Queiroz, Alfredo Carvalho, Setta, Mello, Jesuina, Barbara, Florinda e Amelia Barros, que deram a essa comedia um desempenho verdadeiramente excepcional.

E agora lembro me tambem d'outro papel em que Dias foi engraçadissimo, papel em que apresentou um magifico typo de lorpa minhoto e que representou tambem uma unica vez, o papel de *Zé Palonso*, na farça que com este titulo escrevi em collaboração com D. João da Camara e Lopes de Mendonça, para o beneficio da Crèche de Santa Eulalia, farça em que a Theodorini, a grande cantora, representou em portuguez o papel de lavra deira do Minho.

E a respeito d'essa farça uma coincidência curiosa.

A Theodorini, que gostava immenso de Lisboa e dos artistas portuguezes, quiz tirar um grupo photographico, em *cos une*, com todos os artistas que tinham entrado na farça e com os auctores. Fomos todos tirar esse grupo á photographia Bobone.

Eramos onze: os tres auctores, a Theodorini, a Jesuina, a pobre Amelia da Silveira, o Taborda, João Rosa, Valle, Mello e Dias.

D'esses onze dois já lá vão: os dois que no grupo ficavam nas extremidades, a Amelia da Silveira e o Dias!

Dias era um excellente actor e um excelente homem; homem de bem ás direitas, completamente alheio a intrigas de bastidores e a cansans do theatro, zelosissimo no cumprimento das suas obrigações, companheiro dos mais alegres e joviaes, bom cavaqueador, cheio de anedoctas e ditos engraçados, que elle contava com aquella naturalidade bonacheirona que era um dos característicos do seu jogo scenico.

O empregario do theatro do Principe Real do Porto, o illustre actor Taveira, que era amigo dedicado de Dias, destinou o producto bruto da recita terrivel, em que o distincto artista morreu, aos seus funeraes, que foram concorridissimos, e imponentes.

Agora, segundo dizem os jornaes, Taveira pensa em abrir uma subscrição para elevar um mausoleu ao grande artista, idéa a que nos associamos do coração.

Por um incommodo de saude não podemos assistir á primeira representação da *Kermesse*, a peça original de Moura Cabral, no theatro de D. Maria.

Essa primeira representação foi tempestuosissima, tão tempestuosa que foi primeira e unica.

Moura Cabral pediu á empresa que retirasse a peça de scena, pedido a que a empresa accedeu e que nos inhiu de vermos a comedia do nosso presado collega e por tanto de fallarmos d'ella.

(1) Vid. pag. 37 do presente vol.

Das manifestações ruidosas que n'essa noite houve na sala do theatro de D. Maria e a que se tem referido largamente quasi todos os jornaes em longos artigos, fillaremos mais d'espaco n'outra chronica.

Gervasio Lobato.



AS NOSSAS GRAVURAS

DR. THOMAZ DE CARVALHO

PRESIDENTE DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

O sr. dr. Thomaz de Carvalho é pela terceira vez vice-presidente da Academia Real das Sciencias, honra bem cabida no antigo professor da Escola Medica de Lisboa, homenagem prestada ao seu elevado talento e saber.

Estudou medicina e doutourou-se n'essa sciencia na Escola de Paris, e por largos annos occupou a cadeira de lente de anatomia na Escola Medica de Lisboa, de que hoje está jubilado. A politica seduziu o uma vez e fel o deputado em 1858. A sua palavra eloquente repassada e perene de humorismo fez-se ouvir com applauso no Parlamento, mas depressa abandonou aquella passageira tentação e preferiu a sua cadeira de S. Carlos á de deputado.

O sr. Souza Viterbo, escrevendo de Thomaz de Carvalho, n'um excellent artigo publicado na *Semana de Lisboa*, desenha com inexcédível primor o perfil do douto presidente da academia, e d'esse perfil vamos transcrever alguns trechos:

«O dr. Thomaz de Carvalho é uma individualidade complexa, fundindo-se n'um todo harmonioso, como uma liga metallica admiravelmente combinada, como um busto de bronze sobre um pedestal de marmore. Ha n'elle a admirar o homem de sciencia, o homem de letras, e o homem do mundo, e essa trindade scintillante apparece-nos encarnada n'uma só natureza, n'um d'esses prodigios de que nos dão conta as theogonias orientaes.

Como homem de sciencia, Thomaz de Carvalho foi uma das mais bellas personificações do professorado. Está ainda saudoso da sua palavra fluente e erudita o ecco do amphitheatro da Escola Medica. Ninguem como elle sabia vencer a aridez fastidiosa do seu curso, interessando o auditorio no estudo dos mais intrincados problemas do organismo. Elle fazia desaparecer todas as repugnancias de qualquer peça anatomica, e o estudante ficava extasiado deante da amenidade e da delicadeza d'um professor, que mais parecia estar n'uma recâmara artistica que n'um gabinete de dissecções. Sem perder uma só vez o rigor tecnico que se exige em semelhantes palestras, elle procurava amenisar as convenientemente, lançando de passagem, como fulguração inesperada, um dito picante, que emocionava o espirito da mocidade, sem lhe quebrar o fio da attenção. Umavez discorria pelo campo da anatomia comparada, examinando o organismo na variadissima escala animal e nas suas manifestações teratologicas; outras vezes, para mostrar a importancia do orgão e para mais despertar a curiosidade, fazia um resumo da sua função, mostrando quanto a anatomia é a base fundamental de todas as sciencias biologicas. Reconhecendo a difficuldade de estabelecer uma nomenclatura anatomica, verdadeiramente logica e racional, que assentasse sobre uma base segura, como a que Lavoisier applicou á chimica, Thomaz de Carvalho tinha todavia o segredo de applanar essas imperfeições, obrigando a memoria a daguerriotypar o melhor possivel as formas e os nomes de todas as peças do cadaver. Ninguem como elle descrevia as linhas do esqueleto, as relações e inserções musculares, a sinuosidade e distribuição do systema arterial e venoso, as configurações da splanchnologia, as circumvoluções cerebraes. Com semelhante guia não havia receio de se perder nos mais emaranhados labirintos anatomicos.

Fallando ou escrevendo, Thomaz de Carvalho soube sempre fazer uso discreto da palavra. O seu periodo oratorio não tem a superabundancia fragil do estylo castelaresco. Duas condições essenciaes influíram no seu caracter de orador academico. A sua educação scientifica e a sua educação classica deram-lhe a concisão e a nitidez, que não excluem por certo a plasticidade da forma, antes lhe dão a belleza da estatuarin antiga. Nunca ouvimos Thomaz de Carvalho na tribuna parlamentar, onde os seus

discursos, d'um atticismo e d'uma finura epigrammatica, seriam como diamantes encastoados em vil metal, mas a physionomia politica do nosso biographado pouco nos importa pol a em relevo, quando outras feições do seu espirito, mais sympathicas e menos percedouras, nos estão irresistivelmente attrahindo. O estylo de Thomaz de Carvalho, pela graça e pela sobriedade, faz-nos lembrar a elegancia de Garrett. Ainda ha pouco lhe ouvimos pronunciar duas pequenas allocações como provedor da Santa Casa, eahi se nota, apesar da deficiencia do assumpto, quanto são relevantes as qualidades que apoitamos. Singelesa de forma, suavidade de estylo, correcção de phrase, o colorido litterario e o colorido do sentimento, tudo isto se harmonisa ingenuamente, sem o menor esforço, com a naturalidade, que só se aprende nos grandes mestres. Nem sempre, porém, Thomaz de Carvalho é o orador unctuosos; a sua feição predominante é a do critico, que escarpelisa serenamente, sem espalhafato, sem que o paciente quasi que sinta o golpe. Haja em vista a oração que elle pronunciou na sessão solemne da abertura da Escola Medica de Lisboa em 5 de outubro de 1859, e na qual fez a historia dos grandes charlatães, desde Paracelso até os heroes contemporaneos. Não se arranca a pelle com mais delicadeza. Vaes espetando o alfinete, como se estivesse pregando lepidopteros ou fazendo a tatuagem no espirito do seu adversario.

Mas é cavaqueando, em auditorio familiar, que Thomaz de Carvalho revela mais extraordinariamente as suas faculdades de homem de sciencia e de homem do mundo. Na ininterrompida pratica com os livros, na sua longa e extensa convivencia social, tem aprendido muito, sabe muito, e a sua memoria de anatomico é-lhe um auxiliar fecundissimo. Como frequentou as mais altas escolas e como tractou de perto com os mais eminentes litteratos e artistas, o seu espirito encyclopedico adapta-se a todos os assumptos, e porisso é commum vel-o divagar sobre os problemas mais transcendentales da philosophia natural; ou sobre as questões que mais tem agitado o mundo das letras. E discretoia como um simples mortal, sem se dar o aprumo impertinente dos enfatuados, sem embrechar na conversa os termos retumbantes dos que imaginam que a sabedoria está no emprego das palavras, que só se interpretam com o auxilio do Larousse ou do Littré. Amante do bello em todas as suas manifestações, não quer que a sciencia seja de modo nenhum o sacerdocio exclusivo dos bonzos. A sciencia, sem ferir a susceptibilidade de ninguem, pode pôr na lapella da casa um ramo de myosotis e ir para a plateia de S. Carlos applaudir os mais inspirados interpretes de Verdi, de Rossini, de Meyerbeer e de Wagner. E nos intervallos nada mais natural que cavaquear alegremente, polvilhando os episodios da vida, quasi sempre d'um comico irresistivel, com uns grãosinhos de sal epigrammatico. E n'isso é elle eminente. Um certo e indiscrepível meneio de boca, um certo e original sibilo da palavra, completam admiravelmente a ironia que muitas vezes ficou em suspenso ou delineada d'uma forma equívoca.

Durante muitos annos Thomaz de Carvalho militou na imprensa politica, mas fez sempre fogo de guerrilheiro. São innumerados os artigos que traz espalhados em alguns opusculos e n'uma grande variedade de periodicos, mas nunca se dedicou a escrever uma obra de pulso, em harmonia com a pujança do seu talento, com os seus conhecimentos scientificos, com o seu gosto litterario, com a facilidade do seu estylo, com a pureza da sua linguagem, com os dotes do seu espirito, tão culto e tão gracioso, que se disserra um athenienae perdido no meio d'uma sociedade mercantil e utilitaria. Thomaz de Carvalho, sob este ponto de vista se não se attribuir a culpa a timidez inexplicavel, é um egoista ou um sybarita. É possivel que seja excesso de modestia, receioso de não poder corresponder ao ideal, que elle de si proprio conjecturasse. Esta modestia, elevada a um grau demasiadamente alto, é o justo e desculpavel orgulho dos homens que preferem ficar no silencio, se a sua voz não atinge as regiões inacessiveis que elles imaginaram. Como quer que seja, Thomaz de Carvalho acha um prazer immenso em deliciar-se com as obras dos outros, sem se importar que o mundo reclame d'elle a compensação d'esse prazer. Um romance bem architectado, um soneto de forma impecavel, um estudo critico de longo folego, uma pagina sentimental, ou uma pagina de profunda analyse psicologica, o estylo de bronze de Herculano, ou o dizer encantador de Garrett, um artigo picante da imprensa diaria ou um alexandrino burilado por Castilho, tudo são manjares no banquete litterario d'este gastronomo do bello, d'este Brillat Savarin das eguarias ideaes.

UMA PROVIDORIA INTELLIGENTE

Offerecidos, com immerecida dedicatória; recebemos do Ex.^{mo} Sr. Francisco Simões Margiochi os Relatorios da administração da *Real Casa Pia de Lisboa*, referidos aos annos economicos de 1889-1890 e 1890-1891.

Temos portanto a administração da Casa Pia, desde o primeiro dia em que d'ella tomou conta o illustre par do reino Francisco Simões Margiochi, por isso que para a sua providoria foi este nosso amigo nomeado em decreto de 8 de agosto de 1889.

No relatorio do anno economico de 1889-1890 o sr. Margiochi, faz honrosas referencias ao trabalho do fallecido José Maria Eugenio d'Almeida e entra aberta e francamente na exposição do seu programma de administração.

Já o dissemos, aqui ha annos, no *Diario Illustrado* e no *Correio de Europa*, que era uma geração de aço, esta dos Margiochis; e assim, historiamos a acção que cada um d'elles tinha tido nos periodos da nossa historia revolucionaria.

Como o aço das espadas de combate, fabricadas em Toledo, elles teem a curva rapida e elegante, mas chispando, refulgindo sempre porque nada fazem que não seja á luz forte e brava do incomparavel sol peninsular.

Portuguezes antigos, ou como antigamente se dizia quando se fallava com consciencia, homens bons, todos o que assignam Margiochi se obrigaram a fazer trabalho são.

Trabalho são, limpo, sem reparos no dos outros, nem pretendendo inventar; isto é sem outro objecto que não seja o bem geral. Temos a prova na seguinte orientação que dá bem a medida dos conhecimentos praticos, positivos, da boa administração.

1.^o Estudar o estado da real Casa Pia á luz das regras salutaras da reforma de 1860;

2.^o Repor em plena execução tudo quanto por descuido, por incuria ou por determinações regulares, menos bem orientadas, estivesse alterado;

3.^o Emendar resolutamente, e sem preconceitos de especie alguma, tudo quanto, embora reputado muito bom, no tempo d'essa reforma, a experiencia tivesse demonstrado que deveria ser alterado;

4.^o Alargar, desenvolver, as faculdades da instituição, creando novos ramos de ensino;

5.^o Apreciar imparcialmente o merito, a dedicação e o zelo dos individuos, que constituem o pessoal do estabelecimento e, sem prejuizo da equidade que lhe fosse devida, analysar principalmente o seu prestimo em relação ás utilidades que elles produzissem á real Casa Pia.

Parece-nos que nada ha mais á altura da comprehensão de todos, por mais limitada que ella seja, do que tal programma de administração. Imagine-se o que não seria este paiz, quando expurgado do *conselheiro politico* ficasse só nas mãos do simples administrador.

N'aquelle programma não se fere administração nenhuma, nenhuma se condemna, todas são aproveitadas, e todas são por sua vez reformadas, completadas.

O capitulo do *Relatorio* do sr. Margiochi intitulado *O que foi o que é, o que deve ser a Real Casa Pia* é um resumo de ideas que demonstra uma larga erudição e um profundo estudo sobre este genero de estabelecimentos de instrucção e beneficencia. Desde 1780, em que fundou a *Casa Pia de Lisboa*, Diogo Ignacio de Pina Manique, tendo como principal collaborador José Anastacio da Cunha, até a administração de José Ferreira Pinto Bastos, conde de Porto Santo e José Maria Eugenio d'Almeida, é feita a historia d'aquella santa casa com um criterio superior, deduzindo da mesma historia ensinamento, e dos factos argumentos que dobram o mais rijo incredulo.

É um trabalho que deve ser lido pelos estudiosos porque instrue, devendo tambem ser apreciado por todos os que amam a boa administração. Na estatistica do movimento de alumnos, por exemplo, apresenta-se de um modo claro toda a vida interna d'aquelle estabelecimento, mal offerecendo o altissimo valor do importante trabalho que o nosso amigo e sr. Simões Margiochi ali inaugurou, em obediencia aos preceitos mais modernos, baseados nas formulas de Dufau e Moreau de Journés.

Desejaríamos escrever mais e muito sobre tão tentador trabalho, mas não querendo demorar, por mais tempo a noticia sobre os valiosos *Relatorios da Casa Pia*, luctamos com a falta de espaco, reservando-nos porém a faculdade de em publicações differentes da indole do Occidente, tratarmos largamente do assumpto.

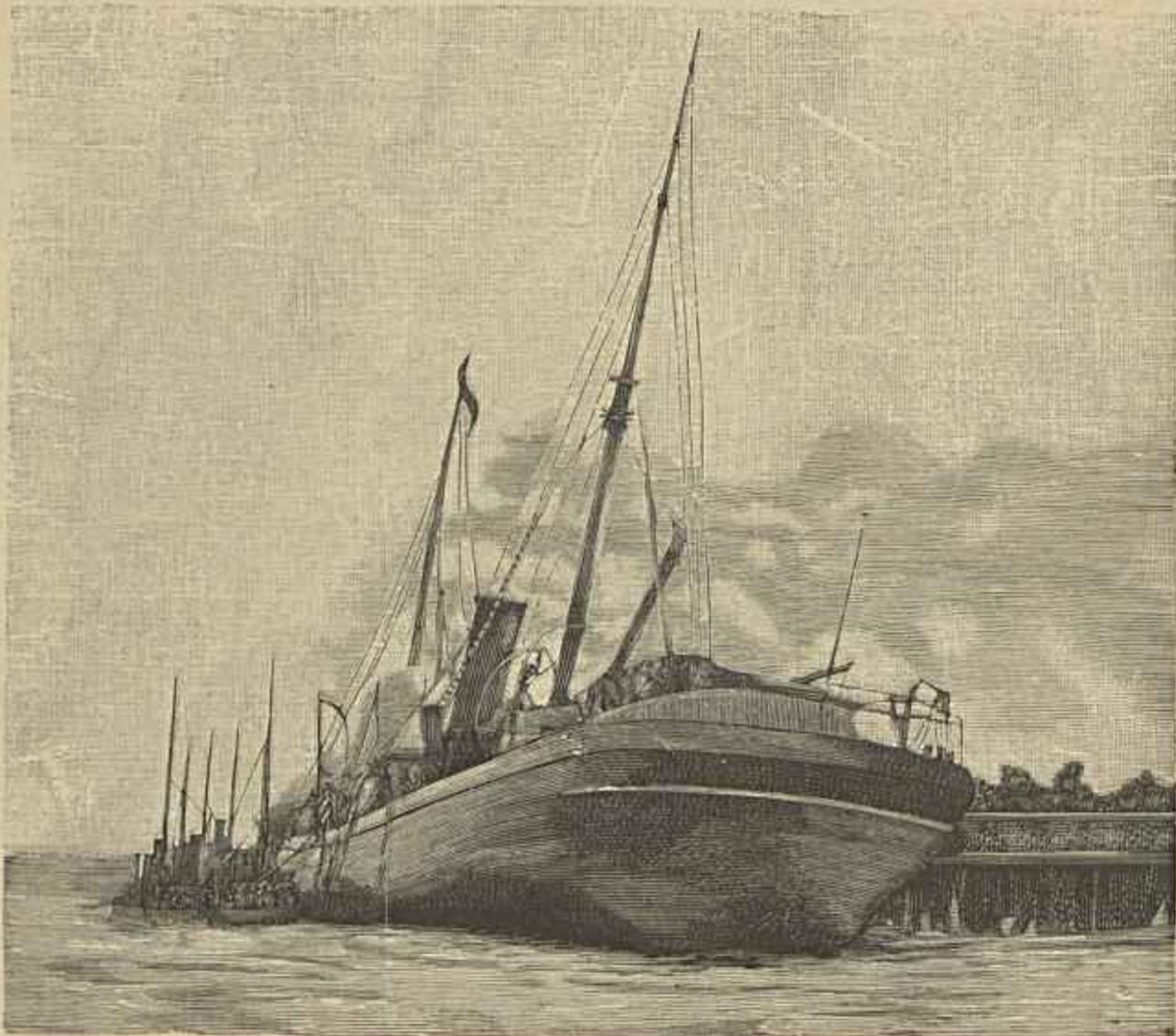
Manuel Farradas.

A CATASTROPHE DE SANTANDER

Tremendo, horrivel este grande desastre!

Imaginae, no formoso porto de Santander encontra-se atracado ao caes Maliaño, o vapor *Cabo Machichaco*; este caes está situado na frente de um dos mais modernos bairros da cidade. Estamos no dia 3 de Novembro; são duas horas da tarde, toda a população exerce a sua actividade, as trocas, os negocios e os trabalhos succedem-se placidamente n'esse successivo uniforme que tomam os actos praticados normalmente. De subito circula a noticia de que rebentara um violento incendio a bordo do *Cabo Machichaco*. Em poucos momentos innumeradas pessoas acodem a presenciar o espectáculo — sempre bello — que offerecia o fogo. Entre a enorme multidão encontram-se os principaes magistrados e pessoas da mais elevada categoria, além da força militar e civil, não só de terra se acode, mas tambem de bordo dos navios proximos se enviam soccorros e denodadamente se lucta por combater o terrivel elemento de destruição.

O *Cabo Machichaco* entrara em Santander com dynamite, a qual era destinada áquella cidade, e desembarcara já, posta em lugar seguro. Confiadamente, pois, se trabalhava na extincção do incendio; cruzam-se as ordens, trabalham as bombas, todos bem longe de suspeitarem que debaixo dos pés



O INCENDIO A BORDO DO VAPOR «CABO MACHICHACO» ATRACADO AO MÓLHE DE MALIAÑO ANTES DA EXPLOÇÃO



O MÓLHE DE MALIAÑO, E RUA MENDEZ NUNEZ, DURANTE O INCENDIO QUE SUCCEDEU Á EXPLOÇÃO

(Copia de desenhos publicados pela *Ilustración Española y Americana*)

A CATASTROPHE DE SANTANDER

tinham a mais infernal machina, quando de repente toda aquella massa: navio, aprestos e carregamento estremeceu com horrivel impulso e pelos ares se espalharam densas nuvens de fumo, de destroços, vibrando no ar um espantoso estrondo, e logo sobre a cidade cahia uma chuva de vigas de ferro, acido sulfurico, pregos, rails. etc. O ar escureceu, parecia noite e pouco mais eram de tres horas da tarde!

Por alguns segundos reinou, então, um silencio sepulchral.

O *Cabo Machichaco* tinha a seu bordo, como contrabando, um carregamento importante de dynamite. Eis a origem de tal acontecimento.

Parecia haver acabado a vida em Santander e suas cercanias. Porém, momentos depois ouvia-se um ruido enorme produzido pelos edificios que se desmoronavam e pelos gritos lancinantes da multidão que fugia louca do terror, dos feridos que pediam socorro e dos gemidos dos moribundos. Apresentou-se então um horroroso espectáculo: começava o incendio que vinha completar a obra de destruição.

Viverá de seculos em seculos uma tal desgraça. Mais de seiscentos cadaveres se encontravam entre um milhar de feridos mais ou menos graves. Como descrever-se o enorme panico que se seguiu? De modo algum.

Lamentemos Santander.



A RUA DE CALDERON DE LA BARCA DEPOIS DA EXPLOSÃO

As nossas gravuras da pagina 268 representam, a primeira o vapor *Cabo Machichaco*, ardendo carregado com mil setecentas e vinte caixas de dynamite e muitas outras materias inflammaveis a bordo.

Está, como se vê, e acima dissemos, atracado ao caes Maliaño.

A seguinte mostra, segundo desenho do natural, o estado em que ficaram o caes Maliaño e as casas da rua Mendez Nuñez, durante o incendio que seguiu á explosão, horrivel complemento de tão grande catastrophe.

A terceira mostra tambem, segundo o desenho do natural, o estado em que ficou a rua Calderon de la Barca.

Na ultima gravura vê-se como ficou a rua Mendez Nuñez, apoz o incendio.

Tão grande, tão immensa, tão violenta, foia explosão que nenhuns dos edificios proximos poude

resistir. A formosa avenida Mendez Nuñez fôra completamente destruida. Não se pôde descrever a enorme desolação.

E no entanto não explodira toda a dynamite. Restavam sessenta caixas a bordo, que era necessario pôr em logar seguro, operação tão perigosa quanto ao estado de espirito dos habitantes de Santander, parecia temeraria tal empresa. Verificou-se a extracção sem perigo e as caixas foram todas arrojadas ao mar. É difficil explicar porque não explodira toda a dynamite.

O grande numero de vidas e o enorme valor das perdas foi tal que decerto as responsablidades serão tremendas. Houve infracção dos regulamentos dos portos, pois que um navio carregado com substancias perigosas, tem que fundear longe e içar bandeira especial. E mais, o *Cabo Machichaco*, quando atracou ao caes para desembarcar o acido sulfurico e a dynamite manifestada, ti-



RUINAS EM QUE FICOU A RUA MENDEZ NUÑEZ, DEPOIS DA EXPLOSÃO

(Copia de desenhos publicados pela *Ilustración Espanola y Americana*)

na já fôgo. E atracou como se não houvera o menor perigo!

A' casa armadora, srs. *Ibarra y Compania*, de Sevilha, se imputaram, nos primeiros momentos as responsabilidades, fundadas em que havia dynamite de *contrabando*. Sabia se porém não ser assim; o navio era de cabotagem e portanto as mercadorias que transportava não tinham que pagar direitos á alfandega.

A casa armadora concorreu para soccorros ás victimas, com a quantia de com mil pesetas.

Um relatório inglês sobre a Índia Portuguesa

(Continuado do n.º 587)

V

Até aqui o sr. Danvers occupava se especialmente da Índia propriamente dita, agora nas ultimas secções do seu relatório, refere-se á historia do dominio Portuguez no Mar Vermelho e no Golpho Persico, em Ceylão, em Malaca, na China e no Japão.

Começa a sua narrativa na conquista de Ormuz, e, a proposito d'esta cidade, narra o que d'ella referia Abder-Razzik em 1442:

«Ormuz, que tambem se chama Djerrun, é um porto situado no meio do mar, e que não tem o seu igual na superficie do globo. Os negociantes de sete climas vindos do Egypto, da Syria, do paiz de Roum, (Anatolia), Azerbigan, Irak Arabi e Irak Adjemi, as provincias de Fars, Khorassan, Ma Wara amahar, Turkestan, do reino de Deschti-Kaptchack (na Tartaria), dos paizes habitados pelos kalmukos, da totalidade dos reinos de Tchín (China) e de Matchin (China Meridional) e da cidade de Khambalik (Pekin) todos vêm ter a este porto; os habitantes das costas maritimas vêm aqui dos paizes de Tchín, Java, Bengala, das cidades Zirbad, Tenasserim, Sokotorá, Schakrinou, das ilhas de Diwah Mahall (as Maldivas), dos paizes de Malabar, da Abyssinia, de Zanguebar, dos portos de Bidgenagar, Kalbergoh, Gudjarat, Kanbait (Cambaya), das costas da Arabia, que se estendem até Aden, Jiddah, e Yembo; trazem para aqui aquellos raros e preciosos artigos que o sol, a lua, e as chuvas se combinaram para levar á perfeição e que são capazes de ser transportados por mar. Viajantes de todos os paizes aqui vem ter, e em troca das fazendas que trazem podem sem difficuldade obter tudo o que desejam».

Depois de contar como tomamos Ormuz, Mascate e outras cidades e como tivemos até algum tempo Aden nas nossas mãos, o sr. Danvers conta como foi que os ingleses lograram arrancar nos o dominio no golpho persico. No principio do seculo XVII um inglez chamado Roberto Shirley conseguiu chegar á corte do Schah da Persia e ser por elle mandado á Europa afim de obter meios de atacar Ormuz. A companhia ingleza das Indias Orientaes não descurou tambem a Persia, e enviou a Ispahan um delegado chamado Connock, que obteve do Shah da Persia auctorisação para que os ingleses construissim um forte em Jark. O forte erigiu-se e em 1622 Ormuz era conquistado pelas forças combinadas dos ingleses e dos Persas. A esse respeito encontramos nos documentos ingleses e nos portuguezes grande desaccordo. Em Portugal Ruy Freire de Andrade, defensor de Ormuz, passa por ser um dos ultimos heroes do nosso dominio oriental, em Inglaterra, a avaliar pelos officios de Edward Morcox, successor de Connock na Persia, Ruy Freire portára se com grande frouxidão. E postivel porém que concorresse para tornar assim desdenhosos os ingleses, o despeito que tiveram pelo facto de lhes ter fugido de bordo do *Lian*, que o levava como prisioneiro de guerra para Surate, este mesmo Ruy Freire de Andrade.

Ainda por algum tempo conservámos Mascate, Curiate, Soar, Dohar e Matera, que foram até 1652 cahindo successivamente em poder dos Arabes, sendo Mascate a ultima cidade que succumbiu. Tempos depois o Schah da Persia, que se via afflicto com as guerras movidas pelos turcos que lhe tomaram Ormuz e pelos arabes que lhe tomaram Bahrein quiz alliar-se com os portuguezes, e effectivamente uma esquadra nossa derrotou uma esquadra arabe, mas o Schah da Persia não cumpriu as promessas que nos fizera, e nós não insistimos. Decididamente o Oriente deixará de nos interessar.

Narrando as peripecias do dominio portuguez em Ceylão, o sr. Danvers não faz senão confirmar pela leitura dos documentos portuguezes o que já conheciamos pelas nossas chronicas indianas. Tambem nos é bem conhecida a historia da lucta ho-

merica travada entre portuguezes e hollandezes n'esta famosa ilha, lucta que terminou pela heroica defeza de Colombo, Cento e cincoenta e dois annos durou o nosso dominio em Ceylão, e tão profundos vestigios alli deixou que ainda hoje, apesaz do dominio hollandez que veio depois e do inglez que se lhe seguiu, a lembrança de Portugal sobrevive, e foi em Ceylão que a obra da *Propaganda Fide* encontrou mais aspera e rija resistencia.

O que o sr. Danvers noticia, mas muito de relance, é a interferencia de uma companhia dinamarqueza nos negocios de Ceylão. Por mais de uma vez nos quiz auxiliar contra os hollandezes, mas nós intransigentes não acceitavamos o auxilio de ninguem; por isso fomos perdendo tudo.

A mais curta de todas é a secção que se refere a Malaca, que tão brilhantemente resistiu aos ataques dos Malayos, e que se succumbiu em 1641 diante de um ataque dos hollandezes não foi só porque estes tinham forças superiores, mas porque lavrava a discordia entre os nossos capitães. Não esqueçamos porém que as victorias ganhas pelos capitães de Malaca sobre os soberanos de Achen por exemplo são as mais gloriosas que imaginar se podem, porque essas tropas malayas compõem-se dos mais terriveis guerreiros do Oriente, e esse sultão de Achen, que tantas vezes vencemos, é o mesmo sultão de Atchin que tantas vezes tem posto em serio perigo o dominio hollandez em Sumatra. É ainda do nosso tempo a famosa guerra de Atchin, que tanto dinheiro e tantos soldados custou á Hollanda, em que tantos reveses soffreram, e em que a Hollanda correu serio risco de ficar vencida.

(Continua.)

Pinheiro Chagas,

LENDA DE IGNEZ DE CASTRO

(CARTA FAMILIAR)

(Continuado do numero antecedente)

É costume geral marcar o principio d'este episodio na oitava 120. *Estavas linda Ignez...*; mas não o entendeu assim o sr. Antonio José Viale, que na sua *paraphrase* ¹ remonta á transição como deve ser. E o sr. Francisco de Paula Sancta Clara, que seguiu na sua *imitação* ² o velho costume, accudiu logo a acrescentar as duas strophes que lhe faltavam, ³ dizendo a este proposito o seguinte:

«Quando imitei em versos latinos o monumental episodio do canto III dos *Lusiadas*, exclui as duas estancias, que immediatamente o procedem e ligam com admiravel artificio ao corpo do poema.

«A cadeia, que segura dois corpos entre si, se fôr cortada d'um d'elles, não lhe prenderá o outro, de que fica pendente. Assim persuadido, desmembrei do episodio a sua ligação com as circumstancias da acção principal do poema.»

E depois de dar a devida razão ao sr. Viale, apressando-se a imital-o, remata d'este modo:

«Em verdade a *transição* para aquelle grandioso episodio é de tanta delicadeza, que, sendo encadeada, ao corpo retratado, fica em melhor guarda. Assim a flôr, apanhada do jardim, mais agrada se as folhas lhe vestirem a hastea, em que se sustenta.»

E' clarissima por tanto, com tão auctorisado apoio, a leviandade de Macedo na sua critica, o qual apesaz d'isso ainda se espraia em louvores insuspeitos: «Devemos comtudo confessar, afirma elle, que entre todos os tractos do poema este é o melhor, pelo que pertence á versificação, ou metrificacão; os versos são harmoniosos, correntes, patheticos, e muito bem feitos. E' tão bello aqui o *CAMÕES* como é em quasi todas as suas poesias soltas, ou rimas...»

Mal lhe parecerá talvez, meu amigo, que eu rescite as impertinencias do auctor do *Oriente* contra os *Lusiadas* quando tracto de apreciar este episodio. Mas por isto mesmo o faço: a justiça que dimanava de adversarios rententes forma o seu maximo elogio. Num livro, cujas paginas só

¹ O Episodio de D. Ignez de Castro, excerpto do canto III dos *Lusiadas*, paraphraseado em versos latinos por A. J. Viale — 1875. — Foi depois reimpresso mais correctamente com outros excerptos dos *Lusiadas* em 1878.

² *Imitação do Episodio do canto III dos Lusiadas... em versos latinos* por Francisco de Paula Sancta Clara... 1875.

³ *Imitação das estancias 118 e 119 do livro terceiro dos Lusiadas... em versos latinos* por Francisco de Paula Sancta Clara, 1876.

espremem censuras, o louvor estreme que se respigue aqui ou alli arranca o o merito espontaneamente a uma consciencia rebelde. Poderão ser futeis ou não futeis todas ou quasi todas as incriminações de Macedo, pouco importa; a sua condensada agglomeração e que accusa um espirito facciosissimo, e é exactamente n'este ponto que, na phrase do proprio poeta, *o louvor altos casos persuade*.

Fazer minuciosa analyse d'este episodio nem cabe nos ambitos estreitos d'uma carta nem se amolda á insufficiencia da minha penna. Admiro em *CAMÕES* dois dotes que raras vezes se encontram juntos: copiosa lição e criterio delicado. Eminentemente instruido na antiguidade classica, realisou ampla revolução na nossa litteratura, dando com o ouro da lingua grega e da latina novo briho ao dizer, quasi creando lingua mais nobre,

Mas sem e seravidão, com gosto livre,
Com polida dicção, com phrase nova...!

Esta peregrina imitação só se poderá avaliar melhor com qualquer paralelo. E tomemos d'este mesmo episodio, para exemplo, aquelle *pone me...* do velho Horacio na ode 21 do livro I da Lyrica. ² Vejamos primeiramente o que este diz no seu amigo Aricio Fusco:

*Pone me pigris ubi nulla campis
Arbor aestiva recreatur aura;
Quod latus mundi nebulae malusque
Jupiter urget;
Pone sub curru nimium pronpinqui
Solis, in terra domibus negata...*

Trasladou *CAMÕES* para o seu poema, senão as palavras, o pensamento principal d'este trecho, emparelhando com o latino no verso canoro e n'aquelle attico sal,

..... que não conhece
Quem nunca viu o portico de Athenas...

Ignez, anhelando a vida por causa dos filhinhos, em tanto amor gerados e nascidos, pede ao rei a commutação da morte em desterro:

*Põe me em perpetuo e misero desterro,
Na Seythia fria, ou lá na Lybia ardente...
.....
Põe me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres.....*

(Continua)

A. A. da Fonseca Pinto.



REVISTA POLITICA

Se não fôra a fallada dissolução da Camara, a politica interna não teria offerecido, n'estes ultimos dez dias, nada que interessasse sob o ponto de vista de casos de sensação.

É, pois, ainda a dissolução do parlamento o que entretém os artigos de fundo das folhas politicas de envolta com o celebre processo Urbino de Freitas, a ponto de não podermos afirmar, se no actual momento o que mais interessa a este bom povo, é saber qual das duas sentenças apparecerá primeiro, se a que condemna o Urbino, se a que condemna a actual Camara.

Com a dissolução do parlamento prendem certos boatos que tem circulado sobre uma recomposição ministerial, coisa que não comprehendemos se possa dar, nas actuaes circumstancias, porque se o governo não está em bom accordo e precisa recompôr-se, com que fundamento então pede a dissolução da camara?

Este boato merece nos tanto credito como o que falla da entrada para o ministerio de um certo politico, do qual tambem se afirma levar para secretario particular o seu barbeiro, em attenção aos levantados serviços que lhe tem prestado.

Não pôde ser. Tudo isto são boatos divertidos espalhados por alguém de bom gosto, que está fazendo vespéras ao Entrudo que se aproxima com as suas pulhas e bisnagas.

Nada de graças que o caso é serio, para que se

¹ Garção.

² Já citado por Mandel de Faria e Sousa

estejam divertindo com elle, e envolvendo n'estas coisas sujas o conselho de Estado.

Sim, porque tambem se diz que a entrada do tal novo ministro prende com o Conselho de Estado.

Questão de votos, ora ahí está.

Mas nós continuamos a não acreditar, e não seriam da nossa ingenuidade, se os taes boatos se realisarem, porque muito deviam chorar de ver descer tanto a seriedade e o respeito que se deve ao governo d'uma nação.

E já que fallamos em choros é de ver a chora-deira em que andam as folhas progressistas por causa da dissolução.

São rios de lagrimas vertidos sobre a Carta, de maneira que não sabemos qual lhe faz mais mal, se os rasgões, que segundo os mesmos, progressistas, o governo está dando na Carta, se as lagrimas dos ditos que a reduzirão a massa de papel attendendo a que ella é d'esta substancia.

Mas tudo pôde ser, não havendo recomposição ministerial. É mais dissolução menos dissolução, tantas tem havido por variadas causas e por todos os partidos monarchicos.

Havendo, porém, recomposição o caso muda de figura e não sabemos se El Rei annuirá a isso.

É este o estado em que n'este momento se encontra a politica portugueza, estado que não é dos mais claros, mas que nos parece se resolverá pelo melhor, pois não acreditamos nos taes boatos.

Se assim não fór, a politica portugueza entrará n'uma lucta de que está de há muito desacostumada, e a occasião não nos parece azada para politica brava, nem isso parece estar no animo do actual governo, que bem pelo contrario, se propoz seguir uma politica mansa consoante às circumstancias especiaes do paiz n'este periodo historico que atravessa.

Não tardam muitos dias que o decreto da dissolução da Camara, appareça no *Diario do Governo*, e então veremos se esse decreto vem acompanhado de mais algum que dê razão aos mencionados boatos. Isso determinará a maior ou menor lucta eleitoral que vai travar-se junto das varias urnas eleitoraes do paiz, com o carneiro com batatas e os cangirões de vinho que prometem esvasiar as adegas mais providas.

João Verdades.

NECROLOGIA



CONDE DE SIEUVE DE MENEZES

FALLECIDO EM 4 DE NOVEMBRO DE 1893

No dia 4 de novembro ultimo, pela uma hora da manhã, na sua casa de S. Pedro, em Angra do Heroísmo, falleceu, victima d'uma *angina pectoris*, quasi repentinamente, o illustre terceirense, conde de Sieuve de Menezes.

N'esse mesmo dia tive telegrammas de Angra, em que o triste acontecimento me era comunicado, e em que, ao mesmo tempo, me davam conta da consternação geral, da dôr, do lucto, e da angustia, que, imperiosamente, dominavam toda a população da Ilha Terceira.

Surprehendeu-me, dolorosamente, a noticia da morte; não me espantou a communicação dos

seus effeitos no espirito e no coração dos terceirenses, porque eu bem sabia como elle era querido e amado, e como, a par do prestigio do seu nome, que a todos impna respeito e veneração, crescera, e se desenvolvera, na alma popular, uma profunda e sincera afeição, que tinha um tanto ou quanto de filial, e que rodeava, principalmente nos ultimos annos da sua vida, o prestante cidadão, como uma athmosfera de bemquerença geral.

Quem tivesse seguido, como eu segui, a evolução, que se foi successivamente operando no espirito publico terceirense, a respeito do conde de Sieuve de Menezes, não poderia deixar de prestar, como eu presto, homenagem de respeito, aos sentimentos de alevantada justiça do brioso povo d'aquella heroica terra, tão famosa na nossa historia patria.

Foi o conde de Sieuve, durante toda a sua vida, um luctador constante e tenaz, á frente do partido regenerador, que, superiormente, no Districto de Angra, commandava.

Nas pugnas violentas da politica, sem jámais quebrar a linha aprumada d'uma fidalga correcção, não recuára, todavia, nunca um só passo, e, firme e denodado, no seu posto d'honra, resistira intemeratamente a todas as campanhas, tão virulenta como inutilmente, contra elle intentadas.

Quem, alguma vez, na Ilha Terceira, assistiu a uma verdadeira lucta eleitoral, pôde ajuizar, pela intensidade e pelo ardor da paixão politica, que n'aquelle povo tão facilmente se incendia, os extremos, a que se chegaria, nas occasiões de febre mais ardente, e quando os ataques se concentravam todos no chefe prestigioso, que se mantinha impassivel, com a serenidade, e com a calma dos fortes, no ininterrupto exercicio das suas altas funcções de commando, sem um momento de hesitação ou de tibieza, e que, por isso mesmo, mais irritava, desconcertava, e enfurecia os seus adversarios, que viam inutilisar se todos os seus golpes, ainda os mais vigorosos, e os que julgavam mais certos.

Chegou se, de facto, aos ultimos excessos. O Conde de Sieuve foi objectivo, não d'uma, mas de mil campanhas, planeadas, e executadas, com toda a energia, pelos seus adversarios politicos; e só um homem, verdadeiramente conscio do seu proprio poder e da sua propria força, e fortalecido com o apoio da sua consciencia pura, resistiria, como elle resistiu, incolume, sem um desalento, e sem um desanimo, e confiante sempre de que, afinal, a justiça imperaria sobre a paixão.

E vio, felizmente, justificada a sua confiança. As paixões foram-se acalmando; a razão retomou o seu imperio; e, pouco a pouco, o valor real dos relevantes servicios do prestantissimo cidadão, a sua extremada dedicação pelo bem geral, e o seu provadissimo amor pela terra, que se ufanava de lhe ter sido berço, tantas vezes, e tão eloquentemente, evidenciados, suplantaram os resentimentos e os despeitos, e de tal arte se impuseram á consciencia publica, que, ainda mesmo em sua vida, foi feita a devida justiça ao benemerito patriota.

Nas ultimas luctas, mantendo-se o Conde de Sieuve sempre no seu posto de verdadeiro chefe de partido, sem, por um momento, deixar de cumprir, até ao fim, a sua elevada missão, teve, contudo, a satisfação de ver os seus proprios adversarios, intransigentes, como eram, e são, renderem homenagem ao seu caracter, ás suas superiores qualidades, e aos seus importantes servicios publicos.

E depois da sua morte, cil-os que a pranteiam, como se fossem amigos, unindo-se, e confundindo-se, n'uma unica e unisona dolorosa lamentação, a dôr commum, que affectou todos os terceirenses, sem distincção de côr politica.

Essas imponentes manifestações de sentimento geral, que acompanharam o illustre extinto, até á sua ultima morada, honraram n'ó tanto a elle, como ao povo terceirense, que lh'as prestou.

Nasceu o conde de Sieuve a 20 de novembro de 1826. Era filho de João Sieuve de Seguir Camello Borges e de D. Gertrudes Sieuve de Menezes Lemos de Carvalho.

Em 1846 foi para Coimbra, formando-se na faculdade de direito, onde se distinguu obtendo elevadas classificações no seu curso, sendo justamente considerado pelo corpo docente, e pelos contemporaneos.

Nomeado administrador do concelho de Angra, em 1859, logo em 1860 foi eleito deputado pela Ilha Terceira, e tão bem e cabalmente se desempenhou do mandato, que elle lhe foi constante-

mente outhorgado desde então até 1879, sendo feito par do reino em 1881.

Agraciado, em 1873, com o titulo de Visconde de Sieuve de Menezes, foi, em 1885, elevado a conde do mesmo titulo.

Na politica geral, o conde de Sieuve de Menezes era um dos mais justamente conceituados veteranos da regeneração.

Amigo de Fontes, o grande e prestigioso chefe, tivera d'este significativas provas da maior consideração e confiança. Nas duas casas do parlamento, em que teve assento, distinguu-se sempre pela lealdade, pela correcção, e pela firmeza do seu proceder, desempenhando elevadas funcções, e conquistando a estima dos amigos e o respeito dos adversarios.

Na politica local, o conde de Sieuve quasi substanciava o partido regenerador no districto de Angra.

Chefe prestigioso, revestido de toda a auctoridade, respeitado por todos, estimado e querido, como um pae, elle era o centro de toda a actividade local.

A sua chefatura não se exercia sómente nas occasiões de lucta, representava uma acção continua, e uma influencia, beneficemente inspiradora e dirigente, em toda a vida do districto.

O seu conselho prudente e a sua opinião judiciosa eram procurados por toda a gente, e a proposito de todos os factos occorrentes.

Não só sobre as manifestações da vida publica das collectividades locais, mas até sobre occorrencias de caracter particular e intimo, elle era consultado, e o seu parecer experimentado, e sempre sensato, era acatado com respeito.

Foi muito complexa, muito intensa, e muito extensa a acção e a influencia do conde de Sieuve de Menezes, para que possa d'ella dar-se uma ideia perfeita nos apertados limites d'um pequeno artigo.

Era uma organização excepcionalmente bem equilibrada; profundo conhecedor dos homens e das cousas; dotado d'um raro bom senso, e com a paixão de bem servir a sua terra e os seus amigos.

Além de correligionario, amigo particular, como fui sempre, do eminente cidadão, cuja morte deixa um nome impreenchivel no districto d'Angra, é para mim gratamente doloroso o cumprimento d'este dever de prestar a minha publica homenagem á sua memoria querida.

D'aqui, pois, uno a minha voz á dos meus patrios, amigos e adversarios, na sincera expressão da minha dôr, n'este momento de verdadeiro lucto para o districto d'Angra.

E á illustrada redacção do OCCIDENTE o meu profundo reconhecimento pelo honroso convite, com que me distinguu, e que me facilitou a satisfação d'este natural desejo e indeclinavel dever.

Lisboa, 29 de novembro de 1893,

JACINTO CANDIDO.



ABILIO AUGUSTO DA FONSECA PINTO

FALLECIDO EM 13 DE OUTUBRO DE 1893

Foi na época da lucta liberal determinada pelo governo absoluto, que em Coimbra nasceu Abi-

lio Augusto da Fonseca Pinto. Seu pae liberal convicto, Alexandre da Fonseca e Silva, soffria um captivo forçado pelas circumstancias da politica então existente, mantendo-se escondido no edificio do correio d'aquella cidade de que era administrador seu cunhado, Antonio Lopes de Sá Esteves, por espaço de seis longos annos, até á restauração liberal, em 1834.

Repetidas vezes os beaguins fizeram buscas minuciosas no edificio do correio situado então, na rua das Fangss, hoje rua Fernandes Thomaz.

Havia porém, o sr. Fonseca e Silva arranjado um esconderijo de tal maneira que os esbirros nunca deram por elle.

Foi, pois, no decorrer de uma tão triste situação que viu a luz do dia o sr. Abilio Augusto da Fonseca Pinto, a 27 de maio de 1830. Crescendo e desenvolvendo-se Fonseca Pinto, logo que começou a dizer algumas palavras, ensinaram-lhe a pronunciar o nome de *tia Thomazia* em vez do doce nome de pae, receiosos de que a innocente creança inconsciente compromette-se a vida do auctor de seus dias, chamando-o pelo nome de pae.

Assim, para que não o tratasse por pae; acostumaram-o a dar-lhe o nome de *Tia Thomazia*. Só na idade de tres annos é que Fonseca Pinto ouviu pronunciar o nome de seu pae!

Em 1847, tendo terminado no lyceu os estudos preparatorios, matriculou-se Fonseca Pinto na Faculdade de Direito, formando-se em 1852.

Os profundissimos conhecimentos que foi adquirindo tornaram-o tão distinctamente illustrado que, em abril de 1859, foi votado por unanimidade socio effectivo do Instituto de Coimbra do qual já fazia parte.

N'esta agremiação litteraria e scientifica a sua influencia de tal modo se fez sentir, que o periodico o *Instituto* decerto lhe deve ainda a sua existencia. Nas muitas publicações que o sr. Fonseca Pinto fez encontram-se como grandemente notaveis as *Commemorações historicas*, no volume VIII do *Instituto* e ainda os *Conimbricenses illustres — esboços biographicos*.

Em 15 de janeiro de 1865, foi nomeado revisor litterario da Imprensa da Universidade, lugar em que o sr. Fonseca Pinto, foi confirmado por carta de mercê de 12 de maio do mesmo anno. Desde 1882 exerceu interinamente o cargo de administrador da mesma Imprensa da Universidade, sendo nomeado por decreto de 24 de dezembro de 1885 administrador effectivo, precedendo concurso.

Como litterato foi um dos mais puros e selectos.

O seu estylo tido como classico sofre honrosamente a comparação com os mais illustres escriptores.

Além da *Flôr de Marmore*, carta familiar, das *lições de geographia*, do *Centenario Pombalino — allocução*, *Cartas selectas*, *Parnaso Mariano*, etc., etc., merece especial menção o seu trabalho — *Tricentenário de Camões — Ignez de Castro*. N'este primoroso escripto o sr. Fonseca Pinto considera o episodio de *Ignez de Castro*, sob o ponto litterario, nas suas variadas manifestações.

E' este formosissimo pedaço de litteratura portugueza o que o OCCIDENTE tem publicado, para que se possa avaliar do alto valor litterario e scientifico do illustre extinto, e assim prestar tambem homenagem á memoria de um escriptor tão distincto e vernaculo tão notavel.

Estas breves notas biographicas foram respigadas de um excellente artigo do sr. Joaquim Martins de Carvalho, publicado em o n.º 4:810 do *Conimbricense*.

JOSÉ JOAQUIM PEIXINHO

Um artista glorioso, de uma gloria hereditaria e maior portanto, pois que teve uma carreira tão brilhante quanto era mister tel-a quem, assim osculado pela fama e pela fortuna, tinha em seu pae um mestre de que não devia desmerecer, mas que até excedeu. Se grande foi o mestre, maior sahio o discipulo.

Todavia José Joaquim Peixinho soffreu a eterna contrariedade que todos os genios e espiritos experimentam quando se lhes contraria a vocação. Seu pae, não o destinava á carreira tauromachica, antes lhe deu uma educação rasoavel obri-gando-o a frequentar, o que elle fez com aproveitamento por ser bastante applicado, as aulas do Lyceu, Conservatorio e Academia de Bellas Artes.

E, com quanto José Peixinho fosse em verdes annos, já um primeiro violino, e um pianista bastante dextro, comtudo a atracção pela mais difficil e sublime arte — a musica — era excedida por uma invencivel tendencia para a arte tauromachica.



O BANDARILHEIRO JOSÉ PEIXINHO — FALLECIDO EM 10 DE NOVEMBRO DE 1893

(Cópia de uma photographia do sr. Carlos Relvas)

Pode bem dizer-se de Peixinho o que Dante exclamou n'um impulso de indignação:

... Ma voi torcete alla religione
Tal ch'era nato a cingerli la spada,
E fate re di tal ch'è da sermone:
Onde la traccia vostra è fuor di strada!

«Mas vós votaes á religião aquelle que nasceu para cingir uma espada; quereis fazer um rei d'aquelle que não era bom senão para prégar. E' porque caminhaes fora do caminho!»

Alexandre Dumas (pae) vae mais longe, pois que diz: «E' um instincto nos paes esta crueldade excessiva, em forçarem os seus filhos a abraçarem precisamente a carreira para a qual tem menos gosto e menos disposições.»

Sede poeta como Ovidio ou Petrarca se vos encherem a cabeça de direito romano e de decretaes, sede artista como Miguel Angelo ou Benvenuto Cellini, se vos forçarem a aprender o grego ou a tocar flauta.

No pae de José Peixinho havia o desejo sublime — que é um conjuncto de deveres moraes que dão um dever civico — de elevar seu filho e não arrancar o, pelo menos, como que o furta a

uma vida que, afóra das suas glorias e triumphos só tem probabilidades e riscos que nada ha que os compense.

Desde creança, José Joaquim Peixinho, se sentia fascinado pelas ovações e triumphos de que seu pae era alvo. Aos oito annos de idade já elle se tornava notavel como bandarilheiro nas toirinhas em que tomava parte, com grande gaudio da rapaziada que o reconhecia habil e dextro e por isso o convidava a entrar n'essas lides, em que os toiros são bois de canastra.

Mas o vapor d'uma machina cedo ou tarde faz explosão quando o comprimem a tal ponto que nem valvulas de segurança o podem impedir, e foi o que aconteceu a José Peixinho. Assim, quando assistia ás toiradas em que seu pai tomava parte, possuia-se d'um enthusiasmo indiscriptivel. Mas nem sempre o pai o queria levar, comtudo, elle tanto chorava e pedia, que raro era o pai não acceder.

N'uma das tardes, em que tinha lugar esse spectaculo predilecto do povo portuguez — as toiradas, deu-se a explosão, isto é, revelou-se o artista. Pouco mais de onze annos tinha José Peixinho, quando praticou o rasgo de heroicidade que patenteou a sua vocação: Seu pae fôra colhido por um toiro, juuto á porta do cavalleiro, correndo um enorme perigo por quanto a fera ao arremetter desembolara-se-lhe uma das hastes. Então, elle, impulsionado pelo coração e pela raça saltou á arena, atravessa-a correndo, posta-se defronte do toiro e chama-o. Furioso investe contra elle o potente animal e tel-o hia victimado se elle, n'um impeto de sangue frio e arrojo digno do maior artista, se não deita por terra, evitando a arremettida, furtando o corpo.

José Peixinho, salvara seu pae!

Um estremecimento de louco enthusiasmo percorreu os espectadores que romperam na mais delirante ovação.

Estava sagrado o valente moço, adquirira por aquelle acto o seu grau de artista.

Aproveitou seu pae a lição e pouco depois, não só deixava de contrariar-lhe a vocação, como entendeu dever o exercitar na arte e, em 1866, levou-o a Queluz, onde o notavel artista fez as suas primeiras armas, toureando umas vacas bravas. N'esse mesmo anno se estreiou, na antiga praça do Campo de Sant'Anna, no beneficio de seu pae, a 29 de junho e ahí os applausos foram unanimes e os brindes innumerados.

Desde então, o seu trabalho, tornou-se tão aprimorado que em breve se lhe deu o titulo de primeiro toureiro portuguez. Verdaderamente assim foi, a sua grande reputação não só em Portugal mas como tambem na Hespanha, aonde era apreciadissimo, era justa e assaz merecida.

Nos dictionarios biographicos — lêr-se-ha d'ora avante:

«José Joaquim Peixinho, notavel toureiro portuguez nasceu em Lisboa no dia 29 de outubro de 1853, aonde falleceu a 10 de novembro de 1893, contando pois, quarenta annos de vida da qual a maior parte foi cheia de gloria e triumphos adquiridos nas principaes praças do paiz e estrangeiro.

A sua vida como homem foi a mais exemplar e possuia dotes de alma pouco vulgares.

Assim, pelo seu trato atrahia amigos, como a sua valentia e denodo lhe grangeava admiradores. Conviveu com as pessoas mais distinctas da sua época. O nobre e illustre cavalleiro Carlos Relvas contava-se entre um dos seus amigos mais verdadeiros.»

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»

Para 1894

Já sahio a publico e está á venda em todas as livrarias este annuario illustrado.

A capa é um formosissimo chromo allusivo ás touradas, em que se vê a Praça do Campo Pequeno. Preço 200 réis; pelo correio 220; pedidos á

Empreza do OCCIDENTE

L. do Poço Novo—Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Adolpho. Modesto & C.ª, Imp. — R. Nova do Loureiro, 25 e 29